

De *Males* e *Dores*: a variação terminológica na denominação de doenças no Português do Brasil colonial

Of Diseases and Pains: the terminological variation in the designation of diseases in colonial Brazilian Portuguese

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa¹

Odair Luiz Nadin²

Resumo: O português brasileiro, ou seja, a variante brasileira da língua portuguesa, constituiu-se e se consolidou ao longo dos séculos a partir do “achamento” do “novo mundo” e do contato do português europeu e suas variantes linguísticas com diferentes etnias e línguas indígenas. Para dar notícias à Corte portuguesa sobre o que ocorria na recente colônia, muitos documentos foram escritos. O primeiro deles foi a “Carta de Pero Vaz de Caminha”, na qual se noticiava sobre a “nova terra”. Como primeiro documento, a *Carta* faz parte de um rico *corpus* composto por textos de diferentes gêneros. Esse conjunto de documentos contém textos escritos no período de 1500 a 1808, ano da chegada da família real portuguesa à colônia. Neste *corpus*, identificamos frequente ocorrência das unidades léxicas *mal* e *dor* e buscamos observar seus contextos, a fim de descrever e analisar possíveis variações linguísticas na terminologia das enfermidades daquele período histórico – séculos XVI, XVII e XVIII.

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” E-mail: jtm.jau@uol.com.br e clotilde.almeida@unesp.br

² Livre-Docente em Estudos do Léxico da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” E-mail: odair.nadin@unesp.br

Selecionamos, no *corpus* em questão, unidades terminológicas formadas a partir das lexis *mal* e *dor*. Por meio da análise dos contextos, comprovamos a existência de variação terminológica denominativa no português brasileiro em textos do período colonial.

Palavras-chave: Terminologia Diacrônica, Português do Brasil colonial, Terminologia, Variação terminológica, Linguística de *Corpus*.

Abstract: *Brazilian Portuguese, that is, the Brazilian variant of the Portuguese language, was constituted and consolidated over the centuries since the finding of the “new world” by the Portuguese; through the contact of the European Portuguese and its linguistic variants with people of different ethnicities and indigenous languages. In order to report to the Portuguese Court about what was happening in the colony, many documents were written. The first of them was the letter from Carta de Pero Vaz de Caminha in which news was reported about the new land. As a first document, the Letter is part of a rich corpus composed of texts of different genres. This set of documents included texts written from 1500 to 1808, when the Portuguese royal family arrived in the Colony. In this corpus, we identified a frequent occurrence of the lexical units diseases and pain and sought to observe their contexts, in order to describe and analyze possible linguistic variations in the terminology of the diseases of that historical period - 16th, 17th and 18th centuries. In the corpus, we have selected terminological units formed from the word diseases and pain. By means of the analysis of the contexts, we were able to prove the existence of denominative terminological variation in Brazilian Portuguese in the texts from the colonial period.*

Keywords: *Diachronic terminology; colonial Brazilian Portuguese; Corpus Linguistics; Terminology; Terminological variation.*

Introdução

Os séculos XVI, XVII e XVIII, bem como os primeiros anos do século XIX, foram, para as Américas, um período de intensos encontros e de embates: encontros e embates de nações, etnias, culturas, crenças e línguas. Com a chegada dos portugueses e, posteriormente, de outros povos europeus e africanos ao continente americano, as descobertas e os conflitos foram inevitáveis. Nesse cenário de batalhas, de catequização e, por que não dizer, de “encantamentos”, as línguas europeias, africanas e autóctones não saíram incólumes. Entre proibição, extinção e imposição, no Brasil especificamente, a língua portuguesa, “última flor do Lácio, inculta e bela³” (BILAC, 1976, p. 86), foi se estabelecendo como língua da “nova nação” que se formava. No período em questão, deu-se início, portanto, à constituição e à consolidação da língua

³ Soneto “Língua Portuguesa” do poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918).

portuguesa em sua variante brasileira ou, como tem sido denominada nas últimas décadas, o português do Brasil (PB)

Naquele contexto histórico, para além de toda a problemática que se estabelecia entre os povos, a comunicação entre eles se fazia necessária para, inclusive, identificar e tratar as enfermidades que acometiam os indígenas, europeus e africanos. As doenças, trazidas ou não por europeus e africanos, eram, se conhecidas, denominadas de diferentes formas pelos diferentes povos, segundo as origens geográficas daqueles que se aventuravam nas grandes navegações e as diferentes nações indígenas aqui encontradas.

A expansão marítima iniciada na primeira metade do séc. XV repercutiu-se de modo determinante na história da língua portuguesa, [...]. Não foi só no âmbito da marinharia e das ciências náuticas que se enriqueceu o léxico português, mas também em outros domínios do saber, no campo militar, no comércio, e muito especialmente no cultivo das ciências fito-farmacológicas. Podemos falar do surgimento de uma pré-taxionomia dedicada à designação das plantas e dos produtos exóticos e dos animais até então desconhecidos. (Albuquerque, Barbosa, Cortesão, Fontoura da Costa, Orta) (VERDELHO, 1998, p. 20).

As aventuras pela imensidão marítima e o mergulho no desconhecido provocaram, certamente, muitos *males* e muitas *dores* àqueles que se lançavam (ou eram lançados) a tais vivências, bem como às comunidades autóctones existentes nas “terras descobertas”. É, pois, sobre as denominações de *males* e de *dores* dos povos que conviviam no Brasil colonial que nos ocupamos neste texto. Para isso, selecionamos contextos do *corpus* do Dicionário Histórico do Português do Brasil – DHPB – séculos XVI, XVII e XVIII (LABORATÓRIO DE LEXICOGRAFIA, 2010, acesso restrito) e primeiros anos do século XIX – para descrever e analisar as ocorrências de unidades terminológicas formadas a partir das unidades supracitadas que denominam questões relacionadas à saúde humana.

Selecionamos, no *corpus* em questão, um conjunto de unidades terminológicas observando possíveis variantes a partir de um olhar diacrônico em sincronias pretéritas, ou seja, séculos XVI, XVII e XVIII e os oito primeiros anos do século XIX, nos quais os falantes encontraram maneiras de se comunicar e comunicar seus conhecimentos.

Antes, porém, de proceder à descrição e à análise dos dados, faz-se necessária uma reflexão sobre a Terminologia, enquanto uma das Ciências do Léxico, bem como sobre o lugar dos estudos diacrônicos neste campo de pesquisa.

Estudos Diacrônicos: *campo fértil dos estudos terminológicos*

Os estudos em Terminologia, como já foi descrito em inúmeros trabalhos científicos (CABRÉ, 1999; 2003; ALMEIDA, 2000; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004; MURAKAWA; NADIN, 2013; entre outros), surge na primeira metade do século XX, a partir da pesquisa de doutoramento do engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1975). Como prática, no entanto, o uso das línguas em contextos especializados, se observarmos de um ponto de vista histórico, “é tão antigo quanto a própria humanidade. Desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda” (SILVA, 2008, p. 63) e, “expressar (nomear) o mundo sem terminologia não é expressar o mundo completo” (ALMEIDA, 2000, p. 25).

Wüster (1998 [1979]) foi, portanto, um dos primeiros a observar tais usos como um objeto de descrição e análise. Seu trabalho forneceu as bases para o que veio a ser, posteriormente, a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Os princípios defendidos nessa teoria têm como foco a padronização dos termos de uma área do conhecimento. Entretanto, essa primeira aproximação teórica aos estudos terminológicos, advinda dos trabalhos do autor, apesar de sua relevante contribuição aos estudos em Terminologia no mundo, não possuía interesses propriamente linguísticos pelos usos das línguas em contextos especializados. Tal interesse começa a aparecer a partir dos anos 80 do século XX como possibilidade de resolução de problemas terminológicos em contextos bilíngues, como no Quebec, por exemplo, abrindo novas perspectivas de descrição e análise dos usos especializados das línguas. Dentre essas novas perspectivas, a questão da variação linguística adquire visibilidade. Outra questão a ser considerada é a abertura para pesquisas de viés diacrônico, embora, conforme salientam Maroneze e Alves (2019, p. 87), “no âmbito dos estudos diacrônicos, porém fora do âmbito dos estudos terminológicos, há trabalhos anteriores que se debruçaram sobre o vocabulário técnico”.

Verdelho (1998, p. 5) também já ressaltara essa questão ao descrever a presença de terminologias em dicionários publicados desde o século XVI como, por exemplo, (i) *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum*, derivado do *Vocabulare* (1530); (ii) o *Ductor in Linguas, / The Guide into Tongues* (1617); (iii) o *Thesouro das duas linguas portuguesa e belgica* (1714) e o (iv) *A Compleat Account of the Portuguese Language. Being a Copious Dictionary of English with Portuguese and Portuguese with English* (1701). Para o autor, “Os dicionários bilíngues são o melhor testemunho desse convívio interlinguístico em que vão circular as linguagens de especialidade” (VERDELHO, 1998, p. 5). Ao se referir especificamente ao *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum*, o autor salienta que essa obra

[...] pôs em circulação sobretudo um pequeno núcleo dos léxicos comuns das várias línguas europeias (pouco mais de um milhar de entradas), mas, ao mesmo tempo, identificou e experimentou o caminho que havia de ser percorrido pelas linguagens de especialidade (VERDELHO, 1998, p. 5).

Murakawa (2013) corrobora as afirmações de Verdelho (1998) ao analisar o vocabulário das enfermidades no *Relato Prodigiosa Lagoa*, de João Cardoso de Miranda (1749) e ressalta a forte presença de unidades terminológicas tanto no texto em questão quanto em dicionários de língua portuguesa do século XVIII, como as magníficas obras de D. Raphael Bluteau (1712-1728) e de Antonio de Moraes Silva (1789 e 1813). Bluteau é também lembrado por Verdelho (1998) como um importante divulgador de terminologias em língua portuguesa. Segundo o autor, Bluteau estava entre um

[...] grupo notável de intelectuais portugueses designados ‘estrangeirados’ e alguns alienígenas que vinham, desde o século XVII, aclimatando em Portugal e na língua portuguesa, os primeiros caudais de linguagens científicas e técnicas produzidas em vários centros europeus (VERDELHO, 1998, p. 6).

Apesar das relevantes contribuições supracitadas, e de muitas outras, ainda havia, até os anos 80 do século XX, certa resistência aos estudos diacrônicos no âmbito da Terminologia. Essa resistência resultava, de certa forma, da crença de que o que importava nas ciências e nas técnicas são os conceitos e os termos da atualidade, haja vista serem estes os instrumentos de comunicação dos cientistas e técnicos. Entretanto, as efervescentes discussões teórico-metodológicas no âmbito dos estudos terminológicos que

ocorreram a partir daquela década lançaram luz sobre várias questões das então denominadas “linguagens de especialidade/especializadas”, entre as quais destacamos a **variação linguística** e os **estudos diacrônicos**.

Tais discussões motivaram, possivelmente, a realização do Colóquio Terminologia Diacrônica, ocorrido na Bélgica em março de 1988. Marengo (2016, p. 61) nos chama a atenção para este fato ao afirmar que somente a partir da realização do Colóquio é que “os estudos de Terminologia de viés diacrônico ganham, pela primeira vez, tanto reconhecimento quanto assentamento [...]”. O autor salienta que, no discurso de abertura do evento, ao se referir ao objetivo do Colóquio, Joseph Hanse ressaltou: “esse colóquio se centrou em torno da história da Terminologia vista em três aspectos: história da ciência dos termos, história dos vocabulários e Terminologia diacrônica e suas relações com a sociedade” (HANSE, 1988 *apud* MARENGO, 2016, p. 61).

O Colóquio Terminologia Diacrônica motivou uma discussão necessária e urgente – estudar a(s) terminologia(s) também do ponto de vista histórico – aspecto para o qual não havia, aparentemente, interesse. Certamente o entendimento ou a aproximação da Linguística e da Sociolinguística à Terminologia contribuiu, sobremaneira, para esse novo olhar. Marengo (2016, p. 62) observa que “Até esse momento, não se concebia validade científica aos estudos terminológicos em diacronia. É a partir desse colóquio que há uma relativa mudança desse panorama”, isto é, “o despontar para os estudos terminológicos de viés histórico, que serão reforçados com mais afinco na segunda metade dos anos 90” do século XX. Ainda segundo o autor (2016, p. 63), “a Terminologia diacrônica intensifica seu espaço” e, talvez por consequência disso, “dez anos depois da realização do Colóquio de Bruxelas, ocorre o Colóquio *A história das linguagens ibero-românicas de especialidade: séculos XII-XIX*”, em Barcelona.

Macedo (2019, p. 257), a partir de autores como Moller (1998) e Dury e Picton (2009), observa que a vertente diacrônica da Terminologia foi considerada, por muito tempo, um *parent pauvre*. Ainda segundo o autor, Dury e Picton (2009) verificaram alguns obstáculos aos estudos diacrônicos no âmbito da Terminologia, tais como: (i) **de ordem teórica e histórica**; (ii) **de ordem técnica**; (iii) **de ordem pragmática** e; (iv) **de ordem psicológica**.

Os obstáculos de ordem teórica e histórica estariam na própria criação da disciplina *Terminologia*, cuja fundação centrada na lógica e os preceitos defendidos por Wüster não abriam espaço para a diacronia; os de ordem técnica se relacionam a questões tecnológicas econômicas, isto é, falta(va)m até a década de 80 do século XX, recursos informáticos e financeiros para pesquisas diacrônicas voltadas somente para a linguagem especializada; os de ordem pragmática dizem respeito às necessidades da sociedade em que empresas, laboratórios, grandes multinacionais etc. necessitam a terminologia de uso sincrônico pelas questões próprias da intensa velocidade do mundo do século XXI e, os de ordem psicológica, referem-se ao hábito dos pesquisados de analisarem o aspecto estatístico da língua e o fato de que ainda há certo preconceito com relação a pesquisas no viés diacrônico (MACEDO, 2019, p. 257-258).

Esses obstáculos têm sido, de certa forma, superados ao longo da última década do século XX e das duas primeiras do século XXI. Em primeiro lugar, pela aproximação da Linguística aos estudos terminológicos e o surgimento de teorias de bases comunicativas, variacionistas e cognitivas, nomeadamente a Socioterminologia (GAUDIN, 1993; 2003), a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999; 2003) e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TEMMERMAN, 2000). Esses novos olhares para os usos especializados das línguas trouxeram propostas e proporcionaram caminhos diversos para pesquisas a partir dos mais variados pontos de vista.

Em segundo lugar, a compreensão dos linguistas que defendiam os novos pressupostos teórico-metodológicos da Terminologia, para os quais a terminologia faz parte das línguas naturais, foi deveras relevante para a abertura dos estudos terminológicos. Uma das questões debatidas foi o fato de que o caráter de termo é ativado no uso da língua (CABRÉ, 1999) e, como língua natural, possui todos os fenômenos linguísticos possíveis, incluindo a variação.

Em terceiro, o desenvolvimento da tecnologia, e com ela a informática, a internet, a Linguística Computacional e a Linguística de *Corpus* facilitaram o labor investigativo na área das linguagens. Atualmente, há inúmeros *corpora* textuais em diferentes línguas e de diferentes épocas, como o banco de dados

do DHPB que usamos neste trabalho, que nos proporciona uma visão da língua para além da sincronia.

Nesse “campo fértil dos estudos terminológicos”, ao qual nos referimos no título desta seção, um aspecto que contribui para a compreensão da terminologia enquanto uso das línguas naturais em contextos especializados é a variação. Silva (2008, p. 3) ressalta a relevância da variação para os estudos em Terminologia. Para o autor, “a problemática da variação em terminologia é um dos temas mais relevantes da descrição e da análise do uso especializado de uma língua na atualidade”. Nas seções seguintes, portanto, direcionamos nosso olhar à questão da variação em Terminologia pelo viés diacrônico.

Reflexões sobre variação em Terminologia: um olhar diacrônico

A variação linguística no âmbito dos estudos terminológicos, como dito antes, nem sempre foi um tema considerado adequado. O fato de as primeiras aproximações de descrição e de análise de terminologias não terem sido linguísticas provocou o rechaço a algumas questões próprias de toda e qualquer língua natural, entre as quais destaca-se a variação em todas suas formas possíveis.

Quadro 1: Entendimento sobre variação linguística em Terminologia

Autores	Entendimento sobre a variação terminológica
Wüster (1930)	Variação vista como desvio das normas, buscam-se a univocidade e a monorreferencialidade nas denominadas “línguas de especialidade”.
Boulanger (1991)	“A variação terminológica é tão necessária e evidente quanto a variação lexical ou linguística observada em qualquer língua no tempo, no espaço e na sociedade. Essas variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas formam a essência da Socioterminologia” ((BOULANGER, 1991, p. 19. TN – tradução nossa) ⁴ .
Gaudin (1993)	“[...] em vez de combatê-la, você deve entender essa variação e estudá-la” (TN) ⁵ .
Faulstich	“[...] a pesquisa socioterminológica deverá considerar que os termos, no meio

⁴ “La variation terminologique est aussi nécessaire et évidente que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l’espace et dans la société. Ces variations diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l’essence même de la socioterminologie” (BOULANGER, 1991, p. 19).

⁵ “Il convient donc, au lieu de la combattre en la minorant, de comprendre cette variation et de l’étudier (GAUDIN, 1993, p. 296).

(2006)	linguístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança e que as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito” (FAUSTICH, 2006, p. 30).
Cabré (1999)	“Esta proposta integra, teórica e metodologicamente, a variação linguística, tanto formal quanto conceitual e assume que os termos estão associados a características gramaticais (a todos os níveis de representação) e pragmáticos. Dentro disso, exclui a variação por critérios dialetais e funcionais distintos: geográficos, históricos, sociais, temáticos, de nível de formalidade, de grau de especialidade, etc.” (CABRÉ, 1999, p. 136. TN) ⁶ .
Temmerman (2000)	Defende a ocorrência de variação por entendê-la como funcional, ou seja, segundo o nível de especialidade dos interlocutores, eles podem expressar seus conhecimentos de uma ou de outra forma. “A polissemia, a sinonímia e os sentidos figurados ocorrem na língua de especialidade e cumprem um papel funcional” (TEMMERMAN, 2000, p. 21. TN). ⁷
Auger (2001)	Considera a variação em seus diferentes níveis: regional; cronológica, socioletal, idioletal (AUGER, 2001)

Fonte: Elaboração própria

Dentre as relevantes contribuições dos autores citados no Quadro 1 sobre a ocorrência da variação nos usos especializados das línguas, optamos, para este texto, pela Socioterminologia (GAUDIN, 1993; FAULSTICH, 1995; 2001; 2006). Krieger e Finatto (2004, p. 55) ressaltam a contribuição da Socioterminologia que, segundo as autoras, “impulsionou o exame do funcionamento dos termos em seu real contexto de ocorrência, resultando no acolhimento da variação e da sinonímia, fenômenos recusados pelos estudos clássicos e de cunho prescritivo da Terminologia”.

Faulstich (1995, p. 9) esclarece que o “princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variantes que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam [...]” e salienta que “as variantes mais comuns em *corpora* de línguas de especialidade” podem ser:

- **variante gráfica:** aquela em que o registro escrito ou oral aparece diferente em outro(s) contexto(s);

⁶ Esta propuesta integra, teórica y metodológicamente, la variación lingüística, tanto formal como conceptual y asume que los términos están asociados a características gramaticales (a todos los niveles de representación) y pragmáticos. Dentro de éstos incluye la variación por criterios dialectales y funcionales distintos: geográficos, históricos, sociales, temáticos, de nivel de formalidad, de grado de especialidad, etc. (CABRÉ, 1999, p. 136).

⁷ “Polysemy, synonymy and figurative language occur and are functional in special language” (TEMMERMAN, 2000, p. 21).

- **variante lexical:** aquela em que o item lexical ou parte dele pode ser comutado sem que o significado terminológico sofra radical mudança;
- **variante morfossintática:** aquela em que o conceito não se altera por causa de alternância de elementos gramaticais principalmente nos sintagmas terminológicos;
- **variante socioprofissional:** aquela em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança dos registros;
- **variante topoletal ou geográfica:** aquela em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança de registro no plano horizontal da língua (FAULSTICH, 1995, p. 9).

A autora propõe, desse modo, que a variação terminológica pode ser do tipo concorrentes, coocorrentes ou competitivas. As variantes coocorrentes são os sinônimos. Não há aqui, teoricamente, a preferência por uma ou outra forma, sendo usados de forma muito próximas não só do ponto de vista do significado, mas também da frequência de uso. Entre as variantes competitivas, como o próprio nome esclarece, há certa competição de empréstimos e estrangeirismos com formas híbridas e/ou vernáculas. Neste caso, pode ser que os usuários da língua em questão optem, em dado momento, por uma ou por outra forma, o que pode acarretar o desuso de uma delas. As variantes concorrentes, tipo que nos interessa mais diretamente neste texto, podem ser dos tipos formais linguísticos ou formais de registro. As formas linguísticas se dividem em fonológicas, morfológicas, sintáticas, gráficas e lexicais; as de registro, por sua vez, podem ser geográficas, de discursos ou temporais.

Nosso objeto de descrição e de análise são, portanto, as variantes terminológicas que ocorriam na interação entre os membros da comunidade do Brasil colonial formada por europeus, africanos e índios. Certamente, nessa interação oral, narrada *a posteriori* pelos letrados da época nos documentos que compõem o *corpus*, muitas foram as estratégias linguísticas para compreender e se fazer compreender.

Na seção seguinte, descrevemos as características do *corpus*, com especial atenção ao processo de sua construção.

Sobre o *corpus*: da carta de Pero Vaz de Caminha (1500) à chegada da Família Real Portuguesa à Colônia (1808)

As unidades terminológicas e respectivos contextos analisados neste trabalho foram extraídos dos bancos de dados construídos para dar suporte ao Projeto do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII e os primeiros oito anos do século XIX (DHPB). O Banco I é composto por 7.492.472 ocorrências, extraídas de 23.858 páginas digitalizadas. O Banco II, construído posteriormente, conta com 2.049.249 ocorrências e mais 8.009 páginas de textos digitalizadas. Este teve por objetivo incluir novos textos referentes aos séculos XVI e XVII, bem como dos oito primeiros anos do século XIX. Ambos os *Bancos* reúnem textos de natureza, gêneros e níveis de especialidade diversos e obedeceu, rigorosamente, o tempo compreendido entre 1500 e 1808 (LABORATÓRIO DE LEXICOGRAFIA, 2010, acesso restrito).

Com relação aos documentos, foram selecionados os escritos sobre o Brasil no período em questão. Da busca em bibliotecas públicas e particulares, em arquivos públicos, museus no Brasil e no exterior, em especial na Biblioteca Pública de Évora, em Portugal, obteve-se a seguinte tipologia dos textos que integraram o banco de dados:

- obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram;
- diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa;
- cartas de sesmarias;
- roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras;
- descrições geográficas;
- cartas e sermões do Pe. Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram;
- obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina;

- cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal;
- obras sobre a nobiliarquia paulistana;
- atos de câmaras municipais;
- anais de câmaras de diversos municípios brasileiros;
- documentos cartoriais;
- autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira;
- processos;
- inventários;
- testamentos;
- alvarás;
- posturas;
- bandos;
- atos de doações de terras, casas e terrenos;
- cartas de ofício;
- patentes;
- cartas dos governadores gerais;
- provisões;
- documentos forenses;
- estatutos de sociedades;
- constituições dos bispados do Brasil;
- regimentos militares;
- obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração,
- produção literária do barroco e do arcadismo.

Todos os textos, depois de passarem por procedimento informático, tiveram o programa *Philologic*⁸ como suporte que, com ferramentas variadas, auxiliou na extração das unidades lexicais que formaram a nomenclatura do DHPB. Este programa, além de facilitar a busca, permitiu a recuperação dos contextos, acompanhados da referência bibliográfica como: autor, obra, data exata ou provável em que foi escrita, edição consultada e página; todos os contextos estão dispostos em ordem cronológica, facilitando ao pesquisador recuperar a semântica e a história da palavra. Para este artigo, portanto, buscamos contextos de uso das lexias *dor* e *mal* nos dois bancos de dados do DHPB.

Biderman (2001) distingue *lexema* de *lexia*. No primeiro caso, para a autora, se refere à “unidade léxica abstrata em língua” e, no segundo, trata-se de como essa unidade abstrata “pode manifestar-se discursivamente” (BIDERMAN, 2001, p. 169). Estas podem ser, ainda, *simples*, *compostas* ou *complexas*. Desse modo, tratamos, neste texto, do que a autora entende por *lexia*.

Buscamos, inicialmente, a unidade *dor*. O *corpus* nos dá todas as formas semelhantes (gráficas/fonéticas) assim, encontramos as lexias *dor*, *dôr*, *dór*, *dores* e *dôres* que possuem significativo número de ocorrências. A segunda unidade que nos serviu para a busca dos contextos foi *mal*, que possui um total de 2.223 ocorrências. Ademais, encontramos as lexias *mall*, *males* e *malles*, conforme frequências demonstradas no Tabela 1:

Tabela 1: Frequência das lexias pesquisadas no *corpus* do DHPB

lexias	Banco I (ocorrências)	Banco II (ocorrências)	lexias	Banco I (ocorrências)	Banco II (ocorrências)
<i>dor</i>	480	111	<i>mal</i>	2223	592
<i>dôr</i>	196	53	<i>mall</i>	35	02
<i>dór</i>	02	01	<i>males</i>	219	95

⁸ *Philologic* é uma ferramenta Web para buscas, recuperação e análise de cópulas desenvolvida por Leonid Andreev e pesquisadores da Universidade de *Chicago* como uma das metas do projeto ARTFL (*American and French Research on the Treasury of the French Language*) (WOLF; ANDREEV, OLSEN, 1999 apud CÂNDIDO JUNIOR, 2008, p. 41). O autor analisa a versão 3.1 de 2006.

<i>dores</i>	86	121		<i>malles</i>	07	04
<i>dôres</i>	71	14				
Total	764	300		Total	2484	693

Fonte: Elaboração própria

Com esses totais, selecionamos um conjunto de contextos nos quais as unidades se encontram relacionadas aos conceitos de “mal-estar, estado precário da saúde e sentimento doloroso”.

De *males e dores*: denominações das enfermidades no português do Brasil colonial

Conforme já afirmamos nas seções antecedentes, o período colonial do Brasil, como em todas as Américas, foi um momento histórico de grandes confrontos em todas as possíveis acepções das palavras: confrontos bélicos, confrontos de ideias, de crenças, de valores etc. A língua portuguesa, embora imposta, convivia com diferentes línguas indígenas, sobretudo com o Tupi, que ficou conhecida como língua geral e as muitas línguas africanas. Nesse movimento “de interação”, as palavras foram se transformando e se firmando enquanto representantes de uma língua que viria a ser a língua da nova nação – o português brasileiro.

Desse modo, denominar as enfermidades que acometiam os membros daquela comunidade não deveria ser tarefa de fácil resolução. Nesse sentido, as terminologias adotadas pareceriam ser mais transparentes, pois, em geral, valem-se das unidades *dor* e *mal* seguidas de sintagma preposicionado formando lexias complexas cuja preposição exercia uma função locativa como, por exemplo, *dor no peyto*; *dores de peitos*; *dores no ventre*; *dor de cabeça*; *dor de barriga*; *dor na bexiga*; *dor no eftomago*; *dor nos tornozelos*, entre muitas outras, que ainda são comuns no português do Brasil do século XXI.

Todo ser humano é passível de adoecer e, em todos os lugares, as doenças precisam ser nomeadas. Daí a tendência à riqueza da variação terminológica no domínio da Medicina. Esse fenômeno se dá no nível pragmático/discursivo e não-conceptual, ou seja, a diferença entre hanseníase⁹ e lepra, por exemplo, não é a doença em si, nem o

⁹ O termo hanseníase não é objeto deste texto pois não ocorre no corpus estudado. Este termo foi criado somente no século XX a partir da Lei de número 9.010/95 que “dispõe sobre a

conceito que esses termos designam, mas a situação de uso desses termos. (JESUS; BARROS, 2005, p. 165).

Casos como esse, de preferência por um ou outro termo, motivada por diferentes razões, são comuns em qualquer língua e não poderia ser de outra forma na língua portuguesa do período colonial brasileiro. Aliada a essa questão, havia ainda a problemática do contato entre as línguas portuguesa, africanas e indígenas e o fato de não haver, à época, normalização do português, sobretudo em questões ortográficas. Assim, são recorrentes unidades léxicas em função de unidades terminológicas que oscilam na ortografia, na formação sintática e na diversidade léxica provocando, evidentemente, uma rica variação terminológica.

Variantes ortográficas e morfossintáticas na terminologia médica no português do Brasil colonial

Do advérbio latino *māle*, posteriormente substantivado, significa aquilo que se refere ao contrário de bem: algo incorreto, grosseiro, desumano; em oposição à moral, à ética e à justiça. O Dicionário Aulete Digital (2020) registra, também, como substantivo, entre outras acepções, a lexia *mal* como sinônimo de doença, enfermidade, denominações que fazem parte do contexto de nossas reflexões neste texto

A primeira ocorrência da lexia *mal* no *corpus* foi registrada na Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, conforme contexto a seguir:

1. [...] sayo huũ homẽ do esquife de bertolameu dijz. e andaua antreles sem eles emtenderem nada neele quanta pera lhe fazerem <mal>. se nõ quã to lhe dauam cabaços dagoa e acenavã aos do esquife [...] ¹⁰. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. [A00_0335 p. fol. 5 v]

Diante desses dados, buscamos por combinações do tipo “mal + adjetivo” e “mal + sintagma preposicionado (*da/de/do*)” já que unidades com esta configuração costumam constituir-se nomes de problemas físicos e/ou psicológicos que causam dor, como em *mal da cabeça* e *mal de parto*, por

terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências” (DORES; TOLEDO, 2018, p. 184).

¹⁰ As informações bibliográficas presentes nos excertos que servem de exemplos neste texto indicam a fonte no *corpus* do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (acesso restrito).

exemplo. Nos casos de “mal + em (na/no)”, observamos que possuem também uma função locativa, a exemplo do que ocorre com a lexia *dor* (*dor na barriga, dor de peito* etc.).

Identificamos sete ocorrências de “mal + adjetivo”; 69 de “mal de”; 21 na formação “mal da” e 15 para “mal do”. Acrescenta-se a esse total, 219 ocorrências de *males*. Ademais, cumpre ressaltar a ocorrência das formas *mall* e *malles* (Exemplos 2 e 3):

2. E quem qiser fazer brasill ha outros portos muitos omde ho podem fazer, sem nos **fazerem** tanto <mall> e dano e tanto desserviço de Deus e de Vossa Alteza; DUARTE COELHO (2003) [1546], *CARTA DE DUARTE COELHO, DONATÁRIO DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, A EL REI DOM JOÃO III*. [H00_0023].
3. E além destes <malles> sobreveio outro maior, porque laborando as necessidades e a fome, no anno de 1793 foi tal a epidemia das bexigas, que quasi consome todos estes povos, [...]. MANUEL ESTEVES DE ALMEIDA (1887) [1795], *REGISTRO DE MEMORIA DOS PRINCIPAES ESTABELECIMENTOS - FACTOS, E CASOS RAROS ACCONTECIDOS NESTA VILLA DA SANTA CRUZ DO ARACATY, FEITA SEGUNDO A ORDEM DE S.M, DE 27 DE JULHO DE 1782 PELO VEREADOR MANOEL ESTEVES D'ALMEIDA DESDE A FUNDAÇÃO DA DITA VILLA, ATÉ O ANNO PRESENTE*. [H00_0911].

No caso da lexia *mal*, observamos a variante *mall* e os respectivos plurais – *males/malles*. Não houve ocorrências significativas de variantes ortográficas ou sintagmáticas, apenas casos isolados como nas lexias complexas *mal da gota/mal de gota* ou *mal nos olhos/mal dos olhos*, conforme exemplos 4 e 5:

4. Antonio Gomes de Almeida, morador nos Irarazes, termo desta Cidade, de idade de quarenta annos pouco mais, ou menos; disse, que huã filha sua de nove para dez mezes, lhe deo hum <mal nos olhos>, taõ terrivel, que lhe tirou a vista e lhe revirou para fóra as capelas, [...]. FREI ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1858) [1761], *NOVO ORBE SERAFICO BRASILICO OU CHRONICA DOS FRADES MENORES DA PROVINCIA DO BRASIL - PARTE SEGUNDA - VOLUME I* [H00_0796].
5. [...] como amexas e he amarela e he bom comer e tem hu carouso gramde que não se come e he pau mole quortãodo hu pau e metemdo na tera loguo apegua e as folhas xeiram muito bem e se fas hu auguoa delas que he bom a pera o <mal dos olhos>. FREI CRISTOVÃO DE LISBOA (1968) [1625], *REPRODUÇÃO DO*

ÍNDICE ORIGINAL DOS ANIMAIS E ÁRVORES DO MARANHÃO [A00_1486 p. 78].

No caso da lexia *dor* e dos sintagmas formados com ela, a variação ortográfica e morfossintática ocorre de forma mais intensa no *corpus*. Do latim *dolor, ōris*, com significados que abrangem desde “a dor física, propriamente dita, causada por um ferimento ou alguma enfermidade, até a dor moral, psicológica advinda da tristeza, do remorso, do arrependimento ou de compaixão por algo ou alguém, a dor da alma” (AULETE DIGITAL, 2020).

No contexto histórico ao qual nos dedicamos neste texto, muitas eram essas “dores”. As físicas resultantes das condições próprias do momento histórico e dos contatos entre os diferentes povos. As da alma poderíamos supor que se originavam por sentimentos múltiplos, saudade da terra e de familiares, pela angústia da invasão, pela imposição da força, pelas perdas, entre muitas questões.

No *corpus* do DHPB, identificamos a ocorrência de muitas lexias complexas formadas por *dor* + preposição ou contração de preposição com artigo (*de/da/do, em/na/no*), tanto para denominar conceitos relativos às dores físicas quanto às dores morais e/ou psicológicas.

No caso das dores físicas, registramos unidades como *dor de dente, dor da madre, dor no peito* e *dor na barriga* ou *dores de junta, dores da gota*. Em relação às outras dores, identificamos frequência bastante relevante de unidades como *dor do passado, dor da vida passada* ou *dor da soledade*, significando o padecimento moral em oposição ao físico. Em ambos os casos, essas unidades conviviam com variantes mais ou menos especializadas, com variantes cuja ortografia oscilava entre diferentes formas, com diferentes unidades para denominar os mesmos conceitos, entre diferentes tipos de variações motivadas por questões históricas, sociais, geográficas e de interação entre povos e línguas.

Iniciamos nossa descrição e análise por algumas variantes de cunho grafêmico haja vista serem causadas sobretudo por questões históricas, ou seja, por não haver naquele momento normatização da ortografia da língua portuguesa.

Um dos casos que nos chamou a atenção foi a alternância entre o uso do “y” e do “i” na lexia “peyto/peito” para se referir à parte do corpo. A ocorrência mais antiga registrada no *corpus* se trata da forma “peyto” na obra *Prosopopea*, de Bento Teixeira, de 1601:

6. Os braços vigorofos, & confantes, Penderão <peytos>, abrirão coftados, Deyxando de mil membros palpitantes, Caminhos, arrayaes, campos juncados. BENTO TEIXEIRA (1972) [1601], *PROSOPOPEA* [A00_2570].

Registramos no século XVIII a alternância entre as duas formas – peyto/peito – antecedida por *dor de/dor no/dor em*. Na primeira metade do século (1735), registramos a unidade *peyto* e, na segunda metade (1769), na ortografia correspondente à atual (peito), o que poderia nos levar à hipótese do início de uma uniformização natural da forma com “i” em detrimento da forma com “y”, conforme excertos 7 e 8:

7. No anno de 1730. fe queyxou hum eſcravo meu de huma pontada na parte eſquerda, e <dor no peyto>; tomeylhe os pulſos, e lhe achey pouca febre, [...].LUIS GOMES FERREIRA(1735)[1735], *DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E IUAS OBIERVAÇOENS*. [B00_0029 p. 46].
8. De alta vingança, e encobre a <dor no peito>, Excita os póvos a exemplar caſtigo Na delgraçada velha. BASILIO DA GAMA (1769) [1769], *CANTO QUARTO* [A00_2566 p. 83].

Além da variação ortográfica neste caso – *peyto/peito* –, podemos observar também a oscilação entre as preposições “de” e “em” para expressar localização – *dor no peito/dor de peitos* –, provocando também variação morfossintática, como podemos ver no exemplo 9:

9. O cipó de chumbo he bem conhecido; e no Brazil se usa delle em remedio, para os que tem <dores de peitos>, e para os que lançam sangue pela boca, e tem dores vagas pelo corpo. JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1806.) [1792], *NOTAS* [G00_0016 p. 60]

Desse modo, a oscilação entre as formas ortográficas e estruturas morfossintáticas é esperável em um contexto e momento histórico tão ricos cultural e geograficamente. Casos como os analisados aqui comprovam o convívio dessa variação e a vitalidade das línguas que estão sempre em processos de mudança. Observamos mais alguns exemplos:

10. Não tenho nenhuma enfermidade, louvado Christo, nem **<dor de cabeça>**, nem **<d'estamago>**, nen outra alguma senão quando Nosso Senhor me visita. Nen tenho falta em minha pessoa. IR. CIPRIANO (1956) [1561], *RESPOSTAS DO IR. CIPRIANO [DO BRASIL] AO EXAME DO P. NADAL, [LISBOA AGOSTO - SETEMBRO] 1561* [A00_0053].

11. Aimoré é um peixe, [...]; as suas ovas são pequenas e gostosas, mas são tão peçonhentas que de improviso fazem mal a quem as come, e fazem arvoar a cabeça, de **<dôr de estômago>**, e vomitar, e grande fraqueza, mas passa este mal logo. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DOS MAMMIFEROS MARINHOS E DOS PEIXES DO MAR, CAMARÕES, ETC. (PARTE SEGUNDA - TITULO 15)* [A00_0191].

12. [...]dey no terceyro outro vomitorio por ter ainda alguma febre, amargores de boca, faltio, e **<dor no eftomago>**, com qual obrou bem, e ficou livre da febre, e de todas as mais queyxas; LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS DANOS, QUE FAZ O LEYTE, MELLADO, AGUA ARDENTE DE CANA, E ADVERTENCIAS PARA CONIENZAÇÃO DA IAUDE.* [B00_0038].

No excerto 10, no trecho “nem dor de cabeça, nem d'estamago”, temos a ocorrência do uso do apóstrofo, não tão comum no Português do Brasil atual e a forma “estamago” para “estômago”. Em 11, registramos a forma “estômago” tal qual a forma usada atualmente. No exemplo 12, por outro lado, temos a ocorrência de *dor + em(o)*.

Em 13 e 14, a seguir, observamos mais um caso de que parece haver um caminhar para a mudança e uniformização da ortografia. No século XVIII – exemplo 13 – registramos o adjetivo “rheumaticas” grafado com “rh” e no início do século XIX – exemplo 14 – a ocorrência, exceto pelos acentos gráficos, coincide com a forma atual:

13. Os bafos de leyte colido a fogo brando com hum punhado de folhas de meymendro verde machucado, recebidos na parte dolorofa das **<dores rheumaticas>**, ou efcorbuticas, ou gotofas,aliviaõ maravilholamente a dor. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERIAS ENFERMIDADES.* [B00_0031].

14. A fôlha do Araticum bravo, misturada com a herua beltrona, em banho, tira as **<dôres reumáticas>**. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], *CARTA VIGESIMA:* [A00_0846].

É frequente, também, a alternância entre o sintagma adjetival e o sintagma preposicionado como nos exemplos 15 e 16:

15. Erario Mineral Das **<dores flatulentas>**, ou tumores flatuofos. Succede algumas vezes haver dores em alguma perna, ou braço taõ accerrimas, que desprezaõ os remedios mais famigerados, affim de langrias, como de purgas; LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERIAS ENFERMIDADES*. [B00_0031].

16. Oleo, que eu tenho feyto em cafa muytas vezes, e facil para **<dores de flatos>**, ou de caufa fria, o qual tem obrado fempre maravilhofamente, e he invento meu, e para contufoens, que naõ obedecem a outros. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERIAS ENFERMIDADES*. [B00_0031].

Nesta subseção, discorremos sobre casos de variação ortográfica e morfossintática selecionados no *corpus* de nossa pesquisa. São exemplos da convivência de diferentes formas para denominar os mesmos “achques”, para usar uma lexia comum à época, o que demonstra tanto a riqueza do português do Brasil em seu processo de formação e consolidação, quanto sua vitalidade haja vista muitas das formas aqui descritas serem usadas e registradas em dicionários no/do século XXI.

A variação léxica na denominação de *males* e de *dores* no português do Brasil colonial

Dentre os diferentes aspectos que compõem as línguas, é o léxico que se caracteriza como o sistema mais aberto e flexível. Por essa razão é que o léxico é a parte de um sistema linguístico mais suscetível à variação. Assim, a variação léxica está, indubitavelmente, entre as de maior ocorrência, pois como sistema aberto influenciado pela história e pela cultura da comunidade linguística a qual pertence ou das interações desses mesmos aspectos entre comunidades, a *palavra*, em sua imensidão de significados, deixa transparecer, muitas vezes, o que o falante é, pensa e/ou acredita.

Um exemplo bastante transparente do que afirmamos é a unidade léxica *lepra*. No Aulete Digital (2020), encontramos seis acepções para essa lexia

dentre as quais destacamos a primeira relacionada à História da Medicina na qual se registra que “Na Antiguidade, denominação comum para as infecções de pele, mucosas e nervos periféricos, ger. de caráter crônico e contagioso” e a segunda, identificada como patologia, remete-se a hanseníase (vide nota 7). A lexia *lepra* adquiriu ao longo da história uma carga semântica bastante pejorativa o que provocou certo tabu em seu uso. No *corpus* do DHPB, a lexia *lepra* possui 46 ocorrências sendo a primeira registrada em texto do Padre Pedro Rodrigues no início do século XVII, em 1604. É interessante observar que o Padre Pedro usa a unidade em questão tanto para se referir à doença propriamente dita quanto para se referir, por extensão, aos “males da alma”, conforme podemos compreender no exemplo 17:

17. Achando uma vez a um Indio Pagapô e leproso o catequisou, e bem instruido lhe deu o baptismo santo com o qual foi Deos servido alimpal-o da <lepra> da alma e juntamente da do corpo. PADRE PEDRO RODRIGUES (1897) [1607], I. - VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, PELO PADRE PEDRO RODRIGUES [A00_1316].

Para denominar a enfermidade relacionada a infecções de pele, como variante, portanto de *lepra*, encontramos no *corpus* as lexias complexas *mal de lepra*, *mal de Morfea* e *mal de São Lázaro/mal de São Lasaro*, como veremos nos exemplos 18 a 22:

18. Sendo Secretario da vizita que fez n'este Bispado o conego João Maximo, teve occazião para ver varios pretos feridos do asquerozo <mal de lepra>. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], LIVRO QUARTO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES / CAP. VI—DE MUITOS PERNAMBUCANOS QUE FLORECERÃO EM VIRTUDE. N. 22. [A00_0660].

19. [...] todos tem sido curados á Custa della, alem de varias esmolos mensaes, com q̃ se assiste a varios necessitados já infectados do Contagiozo <mal de Morfea>, ANTONIO JOZE DA FRANCA E HORTA (1990) [1803], REGISTRADO NO LIVRO PARTICULAR A FL 14 [A00_1106].

20. Mas o que se pode colher, da nota de outro livro de obitos do Convento de Seregippe do Conde, que declara fallecera o tal Religioso de <mal de Saõ Lazaro>, FREI ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1858) [1761], NOVO ORBE SERAFICO BRASILICO OU CHRONICA DOS FRADES MENORES DA PROVINCIA DO BRASIL - PARTE SEGUNDA - VOLUME I [H00_0796].

21. Sendo certificado Sua Excelência de que o <mal chamado de Lázaro>, um dos mais incuráveis e incomunicáveis, havia infeccionado a Senhora Ana Ferreira, [...].

desconhecido (2006) [1773], *ANAL DE 1773. APRESENTADO EM CÂMARA PELO VEREADOR ANTÔNIO RIBEIRO LEITE, EM 30 DE DEZEMBRO DO MESMO ANO* [H00_0893].

22. O Conde da Cunha vendo, que estavam muito mal accommodados os doentes do <mal de São Lasaro> em umas pequenas Casinhas, ou Choupanas no Sitio de São Christovão distante desta Cidade meia legua, [...]. ROQUE DA COSTA BARRETO (1929) [1678], *REGIMENTO DADO AO GOVERNADOR ROQUE BARRETO* [H00_0138].

O segundo caso que analisamos trata-se das unidades *mal de bobas*, *bobas*, *bouba*. No Aulete Digital (2020), registra-se a unidade lexical *bouba*, cujas acepções estão relacionadas a infecções da pele. A acepção 1, por exemplo, se refere a “1. Doença tropical infecciosa, com manifestações cutâneas”. No *corpus*, registramos 54 ocorrências, sendo uma de *boba* e 53 de *bobas*, sendo a primeira ocorrência registrada no século XVI.

23. Curupicaigba — Esta arvore parece na folha com os pecegueiros de Portugal; as folhas estilão hum leite como o das figueiras de Espanha, o qual he unico remedio para feridas frescas e velhas, e para <boubas>, e das feridas tira todo sinal; se lhe picão a casca deita grande quantidade de visco com que se tomão os passarinhos. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL - E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR*. [A00_0749].

Com relação ao sintagma “mal de”, registramos uma ocorrência para *mal de bobas* em texto de 1587, sendo a primeira ocorrência no *corpus* em questão.

24. Padecem os Tupinambás varios, mas certos achaques, a que por seus costumes e modo de viver estão propensos. O primeiro e quasi universal é o <mal de bobas>, por se pegar por comunicação, especialmente aos pequenos. desconhecido (1856) [1587], *NOTICIA SOBRE OS INDIOS TUPINAMBÁS, SUS COSTUMES, ETC., EXTRACTADA DE UM MANUSCRITO DA BIBLIOTHECA DE S. M. O IMPERADOR* [H00_0720].

O terceiro caso se refere às lexias *bexiga* e *bexigas*. A primeira ocorrência registrada no *corpus* foi a lexia complexa *mal das bexigas* em texto de 1696, conforme exemplo 25. No século XVIII, a unidade aparece sem o sintagma “mal de(a)” e antecedida por outros elementos, como os verbos

enfermar e os substantivos *enfermidade* e *doença*, mudança provocada, talvez, por maior consciência da doença.

25. [...] e de proximo experimentou este Estado com o <mal das bexigas> uma notavel ruina, na mortandade de muitos brancos, e a maior parte dos escravos, a que se seguem grandes fomes. ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO (1937) [1696], *CARTA AO GOVERNADOR DO MARANHÃO ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO* [H00_0051].

26. O governador capitão geral, e o Exm. bispo de Pernambuco honraram muito aos merecimentos de João Leite da Silva Ortiz, que detendo-se á espera da partida da frota, <enfermou de bexigas>, [...]. desconhecido (1929) [1730], *DA NOBILIARCHIA PAULISTANA, DE PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME* [H00_0431].

27. N'este intermedio quiz o enfermo beber um copo d'agua do cosimento das sementes de cidra, cuja potagem mandavam os medicos que usasse para temperar a massa do sangue, ainda exaltada da <enfermidade de bexiga>. desconhecido (1929) [1730], *DA NOBILIARCHIA PAULISTANA, DE PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME* [H00_0431].

28. Certifico que assisti ao capitão João Leite da Silva na <doença de bexigas> de que falleceu pela qual assistencia se me devem quatro mil e oitocentos réis em dinheiro [...]. desconhecido (1929) [1730], *INVENTARIO E TESTAMENTO DE JOÃO LEITE DA SILVA ORTIZ, FEITO EM RECIFE EM 1730* [H00_0432].

É interessante observar que, no Aulete Digital (2020), registra-se a lexia *bexiga* como uma variante popular para *varíola*, tanto para o nome da doença quanto para as marcas na pele resultantes dela, como podemos observar nas acepções 3 e 4 a seguir: “**3.** Pop. Varíola. [Tb. us. no pl.]; **4.** Marca na pele deixada por essa doença. [Tb. us. no pl.]”. No *corpus*, a unidade *varíola* possui somente 02 ocorrências em texto de 1565, de autoria do Padre José de Anchieta, no qual se descreve a varíola como um tipo de doença de pele menos grave que a *lepra*.

29. A principal destas doenças não são <varíolas>, as quais ainda brandas e com as costumadas que não têm perigo e facilmente saram; mas ha outras que é cousa terrivel: cobre-se todo o corpo dos pés á cabeça de uma <lepra> mortal que parece couro de cação e ocupa logo a garganta por dentro e a lingua de maneira que com muita dificuldade se podem confessar e em três, quatro dias morrem; PE. JOSÉ DE ANCHIETA (1988) [séc. [XVI], XV. AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE S. VICENTE, JANEIRO DE 1565] [H00_0831].

As próximas unidades analisadas se referem à *concepção* e ao *parto*. No primeiro caso, no Aulete Digital (2020), registra-se a lexia *conceição* como termo da religião, antiquado, com o significado de “O mesmo que *concepção*, ação ou resultado de conceber, gerar (embrião)”. No verbete referente à unidade *concepção*, registra-se, na acepção “1: Ação ou resultado de conceber, de gerar ou ser gerado (no útero) um ser vivo, como resultado da fecundação de um óvulo por espermatozoide (s): *a concepção de uma criança*. [Antôn.: anticoncepção, contracepção”. No *corpus*, registramos diferentes variantes ortográficas para a lexia *concepção*, conforme a tabela que segue:

Tabela 2: Frequência das lexias no *corpus* do DHPB

Lexias	Banco I	Banco II
Coceição	1	
conceição	1	
conceipção	1	
conceipção	5	
conceicao	4	1
conceição	1	
conceição	583	199
concepção	8	1
conceypção	2	1
conceyção	1	
conceyção	44	
Total	651	203

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar, a forma mais frequente é *conceição*. É também somente com essa forma que ocorrem duas vezes o sintagma *dôr na conceição*, ambas em texto do Padre Antonio Vieira (1640), conforme exemplo a seguir:

30. A natureza poz o deleite na <conceição>, a dôr no parto; e o demonio ás avessas, põe o deleite no parto, e a <dôr na conceição>: põe o deleite no parto, que é o peccado; porque a todo o peccado, em qualquer genero, sempre acompanha o deleite. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1640], *SERMÃO DO QUARTO SABBADO DA QUARESMA* [A00_0917 P. 373].

Para denominar o processo de “dar à luz”, especificamente, o que atualmente se entende por “trabalho de parto”, registramos diferentes unidades terminológicas em nosso banco de dados. No século XVI, em 1587, encontramos a variante *dores de parir* (02 ocorrências). Nos séculos XVIII, as variantes registradas foram *dôr no parto* (01 ocorrência) e *dores do parto* (01 ocorrência), terminologias que estão, salvo a diferença da acentuação gráfica em *dôr*, mais em consonância com a terminologia usada atualmente.

31. Quando estas indias entram em <dores de parir>, não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria; [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *NOTICIA ETHNOGRAPHICA DO GENTIO TUPINAMBÁ QUE POVOAVA A BAHIA (PARTE SEGUNDA - TITULO 17)* [A00_0193].

32. Chegou finalmente a hora, em que as <dores do parto> lhe acrecentarão as angustias do coração, [...]. FR. DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO SETIMO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMENINO* [A00_0824].

Outra variante terminológica registrada foi *dor da madre* (01 ocorrência) / *dores de madre* (01 ocorrência) em textos de autoria do Padre Vieira (século XVII):

33. Aprovevta muyto na <dor da madre>, e de colica, untando com elle quente todo o ventre, estregando de huma para outra parte por espaço de algum tempo; porque tira as ventofidade; dos intefinos, ou tripas, que faõ as que coftumaõ caufar esta enfermidade: [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERIAS ENFERMIDADES*. [B00_0031].

34. Emplafro lingular para dores de fciatica, applicado fobre ellas, e para <dores de madre>, applicado fobre o embigo; [...]. JOSÉ ANTONIO MENDES [1770], *CAPITULO XV - E ULTIMO DESTA OBRA, EM QUE VOS QUERO NOTICIAR MUITOS REMEDIOS PARA VARIAS QUEIXAS, E O MODO COMO OS DEVEIS UZAR, E DESCOBRIRVOS ALGUNS SEGREDOS, COM OS QUAES TENHO BOAS CURAS, E TODOS BEM EXPERIMENTADOS* [A00_2405 p. 127].

Identificamos, ainda, a expressão formada por verbo + sintagma preposicionado – *estar de parto* – que parece se referir ao “trabalho de parto”. Em texto do século XVIII (1761), o Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão assim descreve o caso de uma escrava que estava em trabalho de parto havia cinco dias:

35. Disse mais, debayxo do mesmo juramento, que achando-se na Freguezia de Jagoaripe; em caza de huã sua Parenta Luzia de Figueiredo, cazada com Amaro da Cruz, alri achara elle teste munha huã Escrava da ditta sua Parenta do Gentio de Guiné, que **<estava de parto>** havia sinco dias tendo a criança morta no ventre, FREI ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1858) [1761], *NOVO ORBE SERAFICO BRASILICO OU CHRONICA DOS FRADES MENORES DA PROVINCIA DO BRASIL - PARTE SEGUNDA - VOLUME I* [H00_0796].

Registramos, ainda, o sintagma *estar mal de parto* como variante para *dor de parto*, conforme podemos observar no excerto abaixo de autoria do Padre Luiz Figueira, de 1608:

36. Hua India **<esteve m^{to} mal de parto>** toda hua noite e parte do dia gritâdo sem em todo este t^{po}. aparecer nada de criança, [...] LUIZ FIGUEIRA (1967) [1608], *RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA* [A00_1604 p. 95].

As cólicas resultantes de cálculo renal, ou pedras nos rins, como mais comumente denominadas na atualidade, também fizeram suas vítimas no Brasil colonial. As dores provocadas por essa enfermidade receberam, ao longo dos três séculos em questão, diversas denominações como, por exemplo, *dor de calculo* e *dôr de pedra*.

No Aulete Digital (2020), registra-se, no verbete referente a cálculo, na acepção 6, devidamente marcado como pertencente ao domínio da medicina (Med.), o seguinte: “**6.** Med. Concreção; massa sólida, formada por agregação de sais minerais em torno de material orgânico no rim, na vesícula etc.; PEDRA”. O Aulete Digital (2020) registra, também, diferentes tipos de cálculo, como cálculo biliar, cálculo intestinal e cálculo renal. No verbete referente à lexia *pedra*, registra-se: “**10.** Med. Concreção de natureza pétreia que se forma em certos órgãos do corpo, como os rins, a bexiga etc; cálculo: *Ele está com pedra nos rins.*”.

Em nosso banco de dados, a unidade terminológica mais antiga registrada é *dôr de pedra*, em texto de 1.587, de autoria de Gabriel Soares de Sousa, conforme exemplo seguinte:

37. [...] na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata, feita em tres peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem grandes virtudes contra a <dôr de pedra> [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DOS MAMMIFEROS MARINHOS E DOS PEIXES DO MAR, CAMARÕES, ETC. (PARTE SEGUNDA - TITULO 15)* [A00_0191P. 333].

No século XVIII, em texto de D. Fr. João de S. José (1772), encontramos a unidade *dor de calculo* em:

38. [...] porém difficulosamente se encontra pedra na bexiga, de que se contam cousas maravilhosas na <dor de calculo> tomada e moida primeiro a pedra de camaleão. D. FR. JOAO DE S. JOSÉ (1869) [1772], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (CONTINUAÇÃO DO TRIMESTRE ANTECEDENTE)*. [A00_0742 P. 183].

O *escorbuto* é outra enfermidade que acometia muito os povos no período colonial brasileiro. Segundo o Dicionário Aulete Digital (2020), trata-se de “1. Pat. Doença causada por avitaminose C aguda e caracterizada por hemorragias, ulceração nas gengivas, perda de resistência às infecções, caquexia progressiva. [F.: Do fr. *scorbut.*]”. Esse dicionário não faz referência à denominação *mal de Loanda*. O dicionário Michaelis *on-line* registra a variante *mal de luanda*, marcando como termo da medicina (MED), como coloquial (COLOQ) e remete para *escorbuto*. No verbete referente a *escorbuto* registra que se trata de uma doença não contagiosa causada pela falta de vitamina C. A forma *luanda* não ocorre no banco de dados pesquisado como parte da unidade “mal de”.

39. [...] e fica o enfermo fem ella com a prezenfa do Sol; fe a <dor eficrobutica> continuamente amofina; perfequem as dores gallicas do meio da tarde até á madrugada; [...] JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [séc. XVIII], *CAPITULO XIV - DA INFECÇÃO EFOROBULICA, OU MAL DE LOANDA* [A00_2404 P. 88].

40. Tambem he muyto util para as chagas antigas, e fiftulofas; ferve tambem para as chagas da boca, e gingives, a que chamaõ <mal de Loanda>, desfeyto em agua de tanchagem, e rofada em mais, ou menos quantidade conforme o effado, em que effiverem as taes chagas. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR,*

COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERIAS ENFERMIDADES. [B00_0031 p. 124]

41. A estes contratempos dos mares sobreviverão outros contra a saúde dos seus Navegantes. Foraõ tocados muitos dos Hereges pelo <mal contagiozo da Costa>, que dá na bocca e gengivas, e chamaõ de <Loanda>. FREI ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1858) [1761], *NOVO ORBE SERAFICO BRASILICO OU CHRONICA DOS FRADES MENORES DA PROVINCIA DO BRASIL - PARTE SEGUNDA - VOLUME I* [H00_0796].

42. Anda pelas mãos dos curiosos o «Governo de Mineiros» «História das Enfermidades de Minas Gerais» por José Antônio Mendes. «Relação cirúrgica e Médica» na qual se declara especialmente um novo método de curar a <infecção escorbútica> ou <Mal de Loanda>, [...] ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (1972) [séc. XVIII], *OBSERVAÇÕES GERAIS E PARTICULARES SOBRE A CLASSE DOS MAMÍFEROS NO TERRITÓRIO DOS RIOS AMAZONAS, NEGRO E MADEIRA* [H00_0808].

As variantes léxicas aqui descritas em seus contextos de uso recolhidos dos textos que formam o banco de dados do DHPB comprovam, mais uma vez, a ocorrência de variação no âmbito da Terminologia. Ainda que os textos que compõem o *corpus* sejam de diferentes níveis de especialidade, fica evidente que o léxico, por mais que se tente aprisioná-lo em um só significado, é vivo e os falantes, para se comunicar fazem uso dos mais variados recursos léxicos disponíveis em dado sistema linguístico.

Considerações Finais

As reflexões que desenvolvemos tiveram como objetivo primordial demonstrar a existência de variação terminológica para denominar enfermidades que acometiam os habitantes deste lado do Atlântico no período colonial. Não tivemos, no entanto, nenhuma pretensão de estabelecer comparações entre textos, autores e/ou séculos, mas de reunir uma amostragem da terminologia da época a partir das lexias *dor* e *mal* e suas combinatórias.

Quanto ao uso de dada língua, no caso de uma variante do português, em determinado contexto especializado, não há dúvida de que se trata de língua natural. Entretanto, um olhar para esse uso em tempos pretéritos não é, ainda, muito frequente.

Ao nos depararmos com a variação ortográfica nos documentos analisados, observamos o quanto a língua portuguesa avançou, e continua avançando neste aspecto linguístico. Com relação às variantes morfossintáticas, é também interessante ressaltar como, em meio a tantas questões sociais, históricas e culturais ou, talvez, devido a estas questões, os portugueses usavam de diferentes formas para se fazer entender – *dor no peyto/dores de peitos*, em que a preposição tem essa função locativa de demonstrar o local da dor. Outros exemplos curiosos e que não foram tratados neste texto, por questões metodológicas, são, por exemplo, *dor na cruz das cadeyras*, *dor nos tornozelos*, *dor na perna direita*, *dores no ventre* e *dores por todas as juntas*. No caso da lexia *mal*, para além da preposição ser também locativa como em *mal da cabeça* e *mal da bexiga*, indica, também, o local de onde se origina o *mal*, por exemplo, *mal de Loanda* e *mal contagioso da Costa* ou, ainda, a causa do *mal*, como em *mal da Bicha*, *mal da terra* e *mal da Mina*.

A variação léxica é um encantamento à parte. Muitas são as unidades terminológicas que conviviam, e ainda convivem no português do Brasil para denominar os mesmos conceitos da saúde humana. Observamos, por exemplo, que naquele momento histórico, era comum se referir à hanseníase como *mal de lepra*, *mal de Morfea* ou *mal de São Lázaro*. O termo *lepra* possui atualmente valor semântico bastante pejorativo, o que provoca certo tabu em seu uso. Quanto aos outros termos, parece-nos que não são mais frequentes. *Mal de morfeia*, por exemplo, tem apenas sete ocorrências no *Google* e não ocorre a forma *Morfea*, conforme consta no *corpus*.

Assim, foi possível, a partir do *corpus* do projeto do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII e primeiros oito anos do século XIX – identificar, analisar e, sobretudo, registrar um pouco da história da formação e consolidação do português do Brasil. O estudo traz, assim, uma amostra da rica variação linguística na língua portuguesa do Brasil colonial.

Referências

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Teoria comunicativa da terminologia**: uma aplicação. 2000. 2 v. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

- AUGER, Pierre. *Éssai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste*. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, p. 183-224, 2001.
- AULETE DIGITAL. **Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete**. Disponível em: http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 131-144.
- BIDERMAN, Maria Tereza C; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Orgs.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/UNESP/FCLAr, 2012 (inédito).
- BILAC, Olavo. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 8 v. + 2 suplementos, 1712/1728.
- BOULANGER, Jean-Claude. Une Lecture Socioculturelle de la Terminologie. **Cahiers de Linguistique Sociale**, Québec, n. 18, p. 13-30, 1991. Disponível em: http://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger_1991a. Acesso em: 02 abr. 2020.
- CABRÉ, María Teresa. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CABRÉ, María Teresa. Theories of terminology. Their description, prescription and explanation. **Terminology - International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication**. v. 9, n. 2, p. 163-199, jan. 2003.
- CÂNDIDO JUNIOR, Arnaldo. **Criação de um ambiente para o processamento de corpúsculos de Português Histórico**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Computação e Matemática Computacional) – Universidade de São Paulo (USP). São Carlos, 2008.
- DORES, Marcus Vinícius Pereira das Dores; TOLEDO, Cecília Valle Souza. De “lepra” à “hanseníase”: uma análise lexicológica de base sócio-histórica. **Diacrítica**, Braga, v. 32, n. 1, p. 179-208, 2018.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, número 3, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/issue/view/51/showToc>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- FAULSTICH, Enilde. Aspectos de Terminologia Geral e Terminologia Variacionista. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001.

- FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006.
- GAUDIN, François. **Socioterminologie**. Une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelas: Duculot de Boeck, 2003.
- GAUDIN, François. **Pour une socioterminologie**. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Presses de l'Université de Rouen, 1993.
- HANSE, Joseph. Allocutions d'ouverture. In: SCHAETZEN, Caroline de (Org.). **Terminologie Diachronique**. Actes du colloque organisé à Bruxelles les 25 et 26 mars 1988. Bruxelles: Conseil international de la langue française. Centre de Terminologie de Bruxelles. Institut Libre Marie Haps, 1989. Disponível em: https://www.academia.edu/40812937/L%C3%8DNGUA_E_SOCIEDADE. Acesso em: 15 maio 2020.
- JESUS, Ana Maria Ribeiro de; BARROS, Lídia Almeida. A variação terminológica em português no domínio da Dermatologia. **SIGNÓTICA**, v. 17, n. 2, p. 165-189, jul./dez. 2005.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.
- LABORATÓRIO DE LEXICOGRAFIA/UNESP/FCLAr. **Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil** – séculos XVI, XVII e XVIII, Araraquara/SP, 2010 (acesso restrito).
- MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. A arte da tradução: um breve exercício de Terminologia Diacrônica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 59, outubro. p. 255-270. 2019.
- MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves. **Variações terminológicas e diacronia**: estudo léxico-social de documentos manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX. 2016. 780 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- MARONEZE, Bruno Oliveira; ALVES, Ieda Maria. Um estudo de história da Terminologia: os termos em William Harvey (1628). **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 41, p. 84-102, jan./mar. 2019.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (orgs). Terminologia: uma ciência interdisciplinar. Série Trilhas Linguística, nº 22. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Vocabulário das enfermidades em documentos do Brasil Colonial: o relato de Prodigiosa Lagoa (1749). In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (orgs.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. Série Trilhas Linguística, nº 22. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- TEMMERMAN, Rita. **Towards new ways of Terminology description**: the sociocognitive approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2000.

MICHAELIS ON-LINE. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, 2 vol.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813, 2 vol.

SILVA, Odair Luiz da. **Das ciências do léxico ao léxico nas ciências**: uma proposta de dicionário português-espanhol de economia monetária. 2008. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103591>>.

VERDELHO, Telmo. Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica. In: BRUMME, Jenny (ed.). **Actes del col.loqui La història dels llenguatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX)**: solucions per al present. Institut Universitari de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona, 1998. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes.aspx>. Acesso em: 10 fev. 2020.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1998 [1979].

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020